



## RESUMO DOS 120 ANOS DA EEAP

## PRESENÇA MASCULINA NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1950-1990)

Kleber de Souza Costa<sup>1</sup>

## RESUMO

**Objetivos:** Levantar os homens formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, no período de 1950-1990, segundo o ano de formados; Identificar os seguintes dados: nacionalidade, etnia, religião, estado civil e ; Distribuir os achados por décadas, considerando a proporcionalidade entre homens e mulheres formados nessa Escola. **Método:** O método foi quantitativo. **Resultados:** Os achados mostraram que a maioria exercia profissões que não necessitavam de uma escolaridade além do primário, à exceção de um pai que possuía o ensino superior (no caso, medicina); as demais profissões elencadas no estudo não requeriam sequer ensino médio na época. **Conclusão:** Destacamos que a proporcionalidade entre enfermeiros e enfermeiras é discrepante, pois se formaram, na EEUSP, 36 enfermeiros e 1930 enfermeiras, no período mencionado, mostrando, assim, imensa desigualdade de gênero. **Descritores:** História da enfermagem, Homens, Enfermeiros.

<sup>1</sup> Acadêmico do 4º ano de Graduação de Enfermagem da EEUSP, e Participante do Grupo de Pesquisa "História e Legislação da Enfermagem". E-mail: klebercosta@usp.br

## INTRODUÇÃO

Diversos autores pontuam que a presença masculina na enfermagem foi significativa em determinados momentos e contextos históricos. Assim, Vestal (1983) e Oguisso (2007) destacam que “historicamente, a enfermagem era considerada uma ocupação masculina. Em tempos de guerra, epidemias ou calamidades, homens cuidavam dos doentes e dos feridos”. Nessa direção, Paixão (1951) e Vargens (1989) ressaltam que a “história da enfermagem é rica” em citações sobre homens que significaram marcos importantes na evolução da enfermagem como profissão, mas estes ou eram religiosos movidos pela devoção e caridade, ou eram militares levados pela obediência às ordens superiores ou necessidades bélicas, ou mesmo médicos na busca de auxiliares para o seu trabalho.

Segundo Pereira (1991), o homem aparece, então, na enfermagem, em decorrência da grande influência das ordens religiosas e militares, pela necessidade da força física nas áreas da psiquiatria e ortopedia ou por outro motivo como a separação dos pacientes em enfermarias, conforme o sexo, ou seja, era necessária a presença masculina na enfermagem para atender a urologia. Desse modo, percebe-se a importância do aspecto cultural na assistência, o que poderá ter influenciado na manutenção da figura do homem na enfermagem para tratar dos doentes do mesmo sexo.

A proposta do presente estudo pautou-se no fenômeno da profissionalização da enfermagem, enquanto uma prática social, que invoca o processo de feminilização. Assim, a precursora da enfermagem moderna (Florence

Nightingale), ao estabelecer a enfermagem como uma prática profissional, mudou regras e estabeleceu um novo perfil da mulher que pudesse atuar em uma nova esfera de trabalho (Miranda, 1986). Do pensamento de Miranda acerca da profissionalização da enfermagem, a criação da Escola no Hospital Saint Thomas (a Escola de Enfermagem de Florence Nightingale), deve ser compreendida no contexto das transformações sociais, políticas e econômicas do século XIX, em especial o contexto do trabalho feminino nas indústrias e também nos hospitais, à medida que o próprio hospital também sofreu uma reconfiguração, deixando de ser uma instituição a que acorriam pobres desesperançados para se tornar, segundo Foucault (1986), em um espaço de poder e de ampliação e manifestação do saber e do poder do médico, tendo em vista a perspectiva da cura e não mais a salvação da alma do doente.

Devido a este fato, destaca-se a importância de estudos sobre os homens formados em enfermagem, mais especificamente, na Escola de Enfermagem da USP, no período de 1950 a 1990, identificando-os quantitativamente.

Os objetivos: Levantar os homens formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, no período de 1950-1990, segundo o ano de formados; identificar os seguintes dados: nacionalidade, etnia, religião, estado civil; distribuir os achados por décadas, considerando a proporcionalidade entre homens e mulheres formados nessa Escola.

## METODOLOGIA

Como material e método, ressalte-se que a coleta de dados ocorreu por intermédio das fichas de ingresso no Serviço de Graduação da EEUSP, que possibilitaram o levantamento das

informações que serviram como base para o trabalho quantitativo.

## RESULTADOS

Em relação à distribuição de enfermeiros por décadas, observou-se que na década de 1950, formaram-se 5 homens na EEUSP; na década seguinte, foram 4; na década de 70, foram 14 e na subsequente, foram 13, chegando a um total de 36 enfermeiros formados no período estudado, o que representa menos de 1 enfermeiro formado / ano.

Em relação etnia percebe-se que a grande maioria de enfermeiros formados se declarou pertencente à etnia branca (31); 2 enfermeiros declararam pertencerem à cor morena; 2 outros têm cor amarela (descendentes de orientais) e apenas 1 enfermeiro se declarou ser negro. Consta-se, portanto, que a acessibilidade de pessoas que se declararam não brancas ao curso de enfermagem da EEUSP, no período estudado, é significativamente baixa.

Relacionado à religião, a única religião declarada foi católica (8). Cabe ressaltar que a ficha de admissão dos estudantes na Escola foi modificada no tópico concernente à opção religiosa, em 1977. Portanto, esse dado não pode ser mais obtido a partir daquela data, sendo essa a justificativa, para o número exacerbado de “não informantes” (28). Segundo o senso do IBGE, o Brasil apresentou uma diminuição da porcentagem dos católicos, de 83,8% (1991) para 73,8% (2000); em números absolutos, os católicos aumentam de 121,8 milhões (1991) para 125 milhões (2000). IBGE (2000)

Com relação à nacionalidade, os achados mostram que a maior parte dos enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da

Universidade de São Paulo, no período estudado, é proveniente do Estado de São Paulo (72,3%). Esta constatação pode estar relacionada à localização da EEUSP na região sudeste, o que propicia a opção por essa instituição devido à proximidade espacial de grandes centros financeiros, comerciais e hospitalares no país. Em contrapartida, outros enfermeiros são provenientes de Estados como Amazonas (1), Bahia (1), Santa Catarina (2), Paraíba (1), Rio Grande do Sul (1), além de estrangeiro, advindo de Portugal, por ser um país, também, de língua portuguesa e, finalmente, três enfermeiros são provenientes de Minas Gerais, o que é compreensível dada à proximidade com o Estado de São Paulo.

Considerando a proporcionalidade de profissionais formados (as) no período estudado, perfaz o montante de 1966. Esse contingente engloba os formados em bacharelado em enfermagem e nas habilitações de enfermagem em centro cirúrgico, obstetrícia e saúde pública. Deste total, graduaram-se 36 homens e 1930 mulheres nesse curso. Portanto, a média proporcional é de 1 enfermeiro para, aproximadamente, 54,6 enfermeiras.

Quanto aos pais dos ex-alunos estudados, os dados revelaram o grau de instrução e profissão: a maioria dos pais tinha grau de instrução primária (total de 24); 6 pais possuíam o ensino médio e apenas 1 realizou o ensino superior. Do total de sujeitos investigados, 5 não haviam informado o grau de instrução dos pais ou se estes eram falecidos. Podemos inferir que para a maioria das famílias dos enfermeiros, o fato do filho graduar-se em enfermagem era uma ascensão social, uma vez que vinha de uma família onde o pai, em sua maioria era de instrução

primária, sendo uma conquista social e cultural para os familiares.

Quanto às mães, a maioria destas possuía a instrução primária (29 do total); sendo 3 delas de nível educacional médio, ou seja, possuíam o que corresponde, atualmente, ao 2º grau. Apenas 1 pessoa não era alfabetizada e 3 enfermeiros não informaram sobre o grau de instrução de suas mães na ficha de ingresso ao curso de enfermagem ou estas eram falecidas à época. Com isso, a maioria dos enfermeiros egressos desta Escola de Enfermagem, no período delimitado na presente investigação, era proveniente de famílias com baixo nível de escolaridade.

Em relação à distribuição das atividades laborais dos pais dos enfermeiros formados, à época que estes ingressaram na EEUSP, os achados mostraram que a maioria exercia profissões que não necessitavam de uma escolaridade além do primário, à exceção de um pai que possuía o ensino superior (no caso, medicina); as demais profissões elencadas no estudo não requeriam sequer ensino médio na época. Quanto às mães, constatou-se que 28 delas eram donas de casa, o que sugere que na maioria das famílias, o homem era o provedor, economicamente. Entretanto, algumas mães tinham ocupações: costureira (1); professora (1) e uma mãe era aposentada. Não foi informada a profissão das mães de 5 dos colaboradores.

### CONCLUSÃO

Destacamos que a proporcionalidade entre enfermeiros e enfermeiras é discrepante, pois se formaram, na EEUSP, 36 enfermeiros e 1930 enfermeiras, no período mencionado, mostrando, assim, imensa desigualdade de gênero. A maioria

dos investigados que adentrou ao curso de enfermagem na EEUSP era composta por homens solteiros e com predominância adeptos à religião católica. Outra variável importante refere-se à quantidade de formados por década, sendo 5 na década de 50; 4 em 60; 14 em 70 e 13 em 80, havendo um pequeno aumento nas duas últimas décadas estudadas, em relação ao ingresso do gênero masculino na Escola, porém, pouco expressivo, se comparado ao grande contingente feminino.

Em contrapartida, esses resultados relacionados a procedência familiar da população estudada, reflete um ambiente com baixa escolaridade e a graduação em enfermagem pode representar uma maneira de ascender em nível educacional e social.

### REFERÊNCIAS

- Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 6ª edição; 1986.
- IBGE, *Censo Demográfico 2000 - Características Gerais da População: Resultados da Amostra*. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- Miranda CML, *O risco e o bordado - um estudo sobre a formação da identidade profissional*. Rio de Janeiro; Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. 1986
- Oguisso T (org). *Trajetória histórica e legal da enfermagem*. São Paulo: Manole; 2007.
- Paixão W. *Páginas da história da enfermagem*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil; 1951.
- Pereira A . *Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão*. *Acta Paul Enferm*, 1991; 4 (2/4): 49-54
- Vestal C. *Men nurses: Who needs them?* *Imprint* 1983; 30(2): 55-9.

Costa KS.

Presença masculina...

Vargens O.M.C. O homem enfermeiro e sua opção pela enfermagem. [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1989.

Recebido em: 10/08/2010

Aprovado em: 29/10/2010

R. pesq.: cuid. fundam. online 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):203-207